

O *macellum* de *Mirobriga* (Santiago do Cacém, Portugal): tipologia, funcionalidades e modelos de inspiração

José Carlos Quaresma¹

CHAM – Centro de Humanidades. NOVA/FCSH - Universidade Nova de Lisboa

Raquel Guimarães²

ERAAUB/IAUB (Equip de Recerca Arqueològica i Arqueomètrica de la Universitat de Barcelona/ Institut d'Arqueologia de la Universitat de Barcelona)

Daniel Andrade³

CHAM – Centro de Humanidades. NOVA/FCSH - Universidade nova de Lisboa

Martim Lopes⁴

NOVA/FCSH – Universidade Nova de Lisboa. CHAM-Centro de Humanidades

DOI: https://doi.org/10.14195/2182-844X_11_8

RESUMO

A conversão do povoado indígena de *Mirobriga* em cidade romana, depois de uma fase incipiente tardo-republicana, está hoje crescentemente conhecida nos seus contornos construtivos do século I d.C., ao longo dos períodos tardo-júlio-cláudio e flávio, abrangendo um amplo plano que contempla os principais sectores públicos (*forum* e *balnea*), bem como várias áreas privadas. O vasto sector comercial de *Mirobriga*, nas imediações do *forum*, contempla uma grande quantidade de *tabernae* e um *macellum*.

Neste artigo, descrevemos e discutimos os principais resultados arquitectónicos de um edifício cuja tipologia se enquadra perfeitamente nessa última nomenclatura, a de *macellum*, abordando as similitudes e diferenças com muitos outros exemplares do Ocidente imperial e propondo um conjunto de três fases evolutivas para o edifício.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitectura romana imperial; *Lusitania*; *Hispania*; métrica; modelos.

1 ORCID iD: [0000-0003-3139-1975](https://orcid.org/0000-0003-3139-1975); josecarlosquaresma@gmail.com

2 ORCID iD: [0000-0002-7910-3373](https://orcid.org/0000-0002-7910-3373); ras.guimaraes95@gmail.com; Bolseira de doutoramento FCT (2020.04464BD)

3 ORCID iD: [0000-0003-4594-952X](https://orcid.org/0000-0003-4594-952X); andrade.dcp@gmail.com; Bolseiro de doutoramento FCT (155014.2023BD)

4 ORCID iD: [0001-9261-7240](https://orcid.org/0001-9261-7240); martimafonsorl@sapo.pt; Doutorando em Arqueologia Clássica – Universitat Rovira i Virgili ; Bolseiro de doutoramento FCT (2022.13166BD)

ABSTRACT

The conversion of the indigenous settlement of Mirobriga into a Roman town, after an incipient Late Republican phase, is now increasingly known in its 1st century AD constructive contours, which occurred throughout the late Julio-Claudian and Flavian periods, covering a wide plan that includes the main public sectors (forum and balnea), as well as various private areas. The vast commercial sector of Mirobriga, in the immediate vicinity of the forum, includes a large number of tabernae and a macellum.

In this article, we describe and discuss the main architectural results of a building whose typology fits perfectly into the latter nomenclature, that of a macellum, addressing the similarities and differences with many other examples from the imperial West and proposing a set of three evolutionary phases for the building.

KEYWORDS

Imperial Roman Architecture; Lusitania; Hispania; metrics; models.

Introdução

Iniciado em 2016 e com coordenação científica do primeiro signatário, o Projecto *TabMir*, acrónimo de “As áreas comerciais de *Mirobriga* (Chãos Salgados, Santiago do Cacém): evolução urbanística e ceramológica de uma cidade em época romana e visigótica (séculos I-VI d.C.)”, visa a escavação de parte da extensa área comercial pública da cidade romana, a par de uma análise global do sítio, do ponto de vista ceramológico e urbanístico. Para além do apoio institucional da tutela enquadrante do sítio arqueológico (Património Cultural, I. P.), o projecto possui o apoio da Câmara Municipal de Santiago do Cacém e do seu Museu Municipal, bem como o acolhimento científico do CHAM-Centro de Humanidades, no seio da NOVA/FCSH (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

Este é o primeiro artigo de apresentação dos resultados da escavação do edifício R que classificamos como *macellum*, cujas campanhas tiveram início no ano de 2017, após um primeiro diagnóstico do sector, nos anos de 1960, por Fernando de Almeida (Almeida, 1964). Para além de constituir o primeiro *macellum* de planta seguramente clas-

sificável e reconstituível, em território da *província da Lusitania*, a sua escavação vem fortalecer o conhecimento crono-estratigráfico que estamos a construir, paulatinamente, neste projecto, para o conjunto comercial público da *civitas*, englobando-o, hipoteticamente, no programa flávio que inclui, seguramente, as *tabernae* 1 e 2, situadas na mesma via, em posição frontal ao *macellum* (Quaresma et Al., 2020; Quaresma, 2022).

1. Projecto *TabMir*: interpretação do edifício R como *macellum*

1.1. Situação urbana do edifício

As diversas campanhas de escavação do Projecto *TabMir* têm vindo a incidir nas *tabernae* 1 e 2 do Edifício N (já concluídas: ver Quaresma et Al., 2020; Quaresma, 2022); nas *tabernae* 11 a 13 do Edifício O (a concluir em 2025); num sector de classificação ainda complexa, tendo em vista as diversas fases constructivas que encerra (sector S) e cuja escavação irá requerer ainda várias campanhas; e, finalmente, no Edifício R, cuja classificação arquitectónica e funcional enquanto *macellum* já não levanta qualquer dúvida, tal como explanaremos nas linhas seguintes (Figura 2).

Apesar de ainda incompleta, a planta da *civitas* imperial de *Mirobriga* revela uma extensa área comercial em torno do *forum*, representada pelos edifícios N, U, O e T, na figura 2. Atente-se, por exemplo, no conjunto T, parcialmente escavado em campanhas de Fernando de Almeida, tal como o conjunto que se estenderá sobre a via II. Assim, as vinte *tabernae* já numeradas no levantamento topográfico do sítio são seguramente uma parte do conjunto que terá existido. E a este conjunto de carácter público temos de

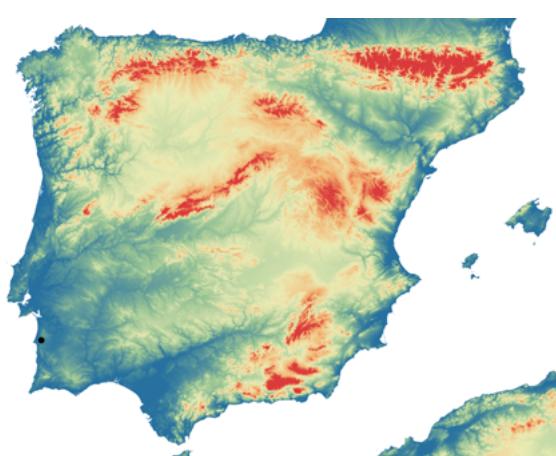


Figura 1. Localização aproximada de *Mirobriga* na Península Ibérica.

acrescentar as possíveis *tabernae* de propriedade privada, que parecem fazer parte das *domus* representadas pelos edifícios D, F e E – esta última, também nas imediações do *forum*, mas as duas primeiras na área residencial ocidental da *urbs*. Recentemente, Jorge de Alarcão propôs uma interpretação planimétrica da ala oriental do *forum* de *Mirobriga* com uma fiada de *tabernae* que teria sido posteriormente transformada num bloco com funções potencialmente votivas (Alarcão, 2017, p. 204).

Com exceção dos casos das cidades portuárias, a implantação normal de um *macellum* é concretizada nas imediações do *forum*, conjugada com um dos eixos principais da cidade, que passa tangente à praça principal. Por norma, os *macella* podem até surgir numa fase já em curso da planificação urbana da cidade, encaixando-se num espaço ainda plausível para construção pública e retirando total ou parcialmente a função comercial ao *forum* (Torrecilla Aznar, 2007, p. 614). Nesse sentido, é bastante interessante que o *forum* de *Mirobriga* possa ter tido uma fiada oriental de *tabernae* (como propõe Jorge Alarcão – Alarcão, 2017), numa primeira fase, tardo-júlio-cláudia (a ver pelas propostas crono-estratigráficas mais recentes para a praça – Teichner, 2018) que desapareceria, possivelmente em época flávia, quando temos as *tabernae* 1 e 2 a serem inauguradas (Quaresma et al., 2020; Quaresma, 2022).

A posição urbana do *macellum* de *Mirobriga* é bastante coerente, no limite da via VI, quando esta encontra a via IV, ambas cotejando o *forum*, pelo lado da *basilica* e da *curia*. Esta é a posição privilegiada para um *macellum*, que dependia da edilidade local, a qual supervisionava abastecimentos, preços, bem como pesos e medidas, cuidando assim de uma estrutura importante no seio da *Annona* municipal, tarefa atribuída aos *ediles* pela *Lex Irnitana* (Torrecilla Aznar, 2007, p. 694 e 706)⁵.

Neste sentido, propomos uma nova leitura dos eixos estruturantes do plano urbanístico da *Mirobriga* imperial. Apesar da angulação, simétrica, ambas a cerca de 45 graus, das *viae* IV e VI, propomos que a primeira cumpra a função de *cardo* (Norte-Sul) e a segunda a função de *decumanus* (Este-Oeste).

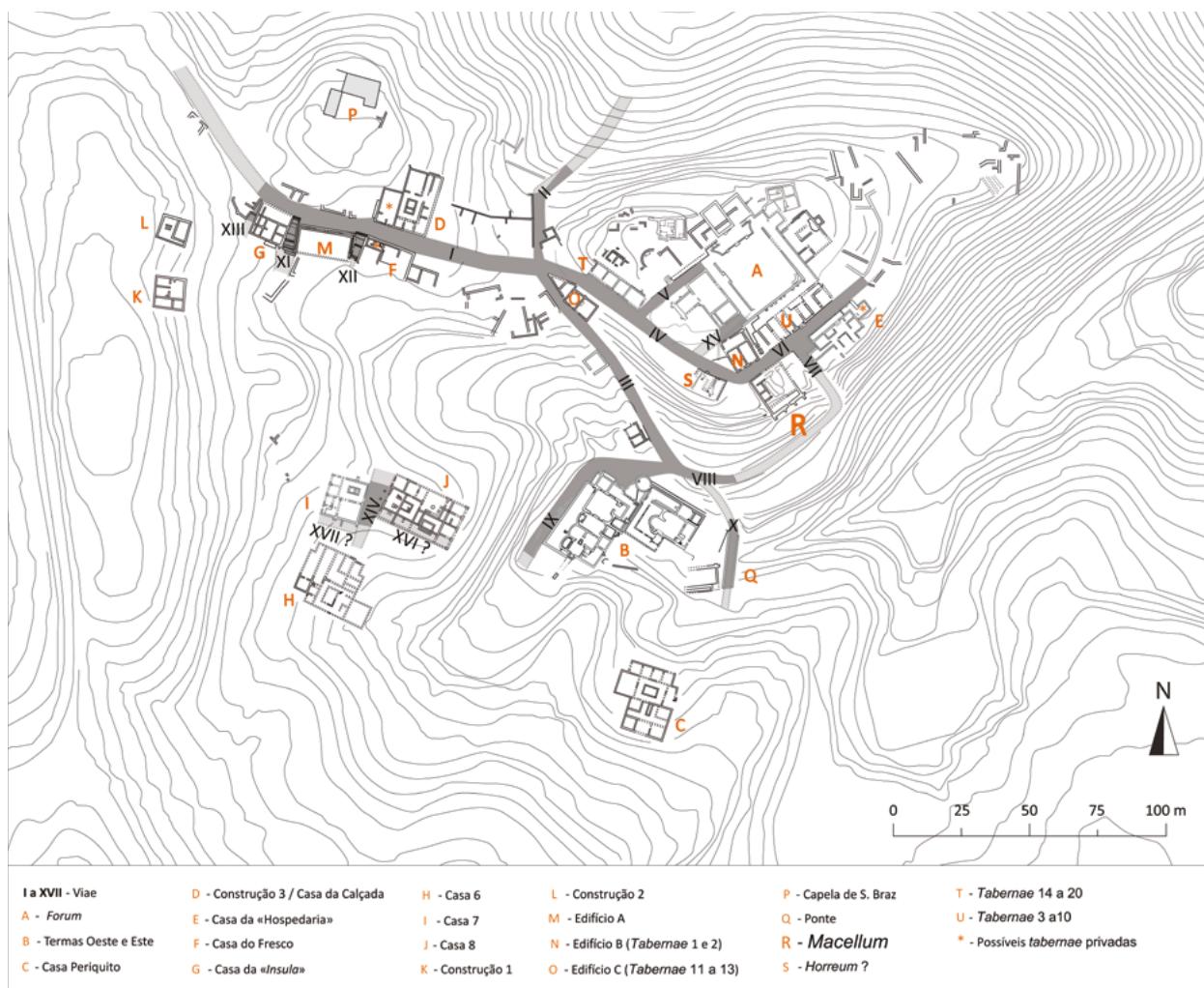
1.2. Arquitectura e diacronia

O edifício R encontra-se implantado imediatamente a Sul do *forum*, na via VI e em frente às *tabernae* 1 e 2 do Edifício N (Figura 2). A sua escavação foi iniciada nos anos 1960, por Fernando de Almeida, arqueólogo de enorme importância para a investigação de *Mirobriga*, que publica uma primeira planta do edifício, após as sondagens de diagnóstico que efectuou até aos primeiros anos da década de 1960. Essa planta (Figura 3), identificada na sua obra com o nº 8, havia estranhamente permanecido por classificar. Incompleta e excêntrica para uma provável *domus*, levou também a que o edifício tivesse passado despercebido em todos os trabalhos publicados nas décadas seguintes, com destaque para a análise de fundo realizada por Filomena Barata (Barata, 1997).

A planta em questão evidenciava de forma incompleta um edifício sub-quadrangular, com duas naves, fachada, tardoz e um corpo central exibindo um pátio de proporções anormalmente grandes, ladeado por duas fiadas simétricas de três compartimentos cada uma, mas muito mal preservada no caso na fiada oriental.

A planta de Fernando de Almeida (Figura 3) evidenciava um tardoz, plenamente visível ao público desde então (Figuras 4C e 4D), de grande envergadura, dotado de contrafortes pujantes para contenção da forte pendente da encosta em que o edifício se integra. Esta característica havia-nos já chamado a atenção, parecendo dar a entender

⁵ No caso lusitano, podemos, porém, referir a existência de *dispensator*, cargo annonário municipal, com o título de *dispensator Balsensium* e de *nome Speratus*, em *Balsa* (IRCP 74: Encarnação, 1984).



que não se trataria seguramente de um edifício privado de carácter habitacional, mas antes de um edifício de arquitectura pública, relacionado com os poderes municipais da *civitas*. Só assim faria sentido explicar a envergadura do tardoz, assaz potente no quadro da arquitectura privada de *Mirobriga*, cujas casas exibem sempre dimensões modestas (Teichner, 2006).

Conhecendo a magnífica tese de Ana Torrecilla Aznar, publicada em 2007 (Torrecilla Aznar, 2007), tornou-se evidente a classificação como *macellum*, em 2017, do edifício R, levantado primeiramente por Fernando de Almeida. Na campanha do projecto *TabMir* desse mesmo ano demos início à remoção da vegetação intensa, acumulada sobre o sector, bem como à limpeza da superfície, para um levantamento topográfico mais pormenorizado, e à identificação dos

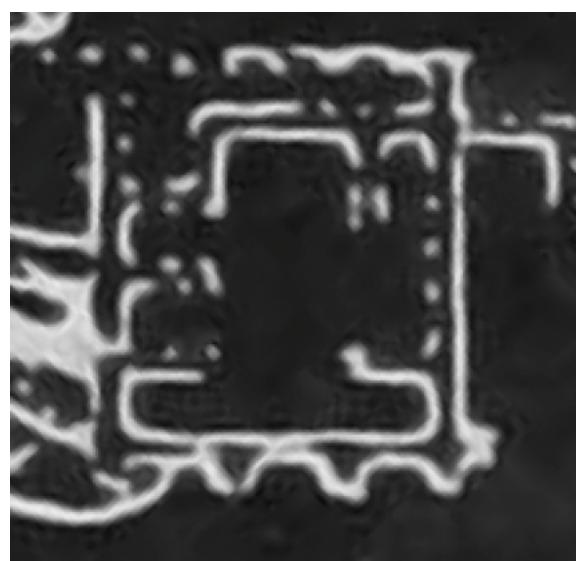


Figura 3. Planta da área escavada do *macellum* de *Mirobriga*, aquando das campanhas de Fernando de Almeida, nos anos 1960 (adaptado de Almeida, 1964, fig. 6).

elementos interfaciais provocados pela sondagem de Fernando de Almeida. Para além da limpeza do

tardoz, o trabalho incidiu sobretudo na vasta área do edifício, entre o tardoz e a fachada para a via VI. Ficou assim realçado o conjunto de valas de reconhecimento arquitectónico, típicas do método de escavação de Fernando de Almeida, após as quais costumava passar a uma escavação de área extensa. A limpeza superficial permitiu constatar que as campanhas dos anos 1960 haviam posto

a descoberto parte do muro de fachada (Figura 4A), haviam aberto uma sondagem de grandes proporções, amorfa, na área do pátio (Figura 4A), tendo até chegado a aflorar a soleira de uma das *tabernae* (Figura 4B), registada como ambiente 1 na figura 4E.

Na figura 5, podemos apreciar a planta do *macellum* após as campanhas de escavação do

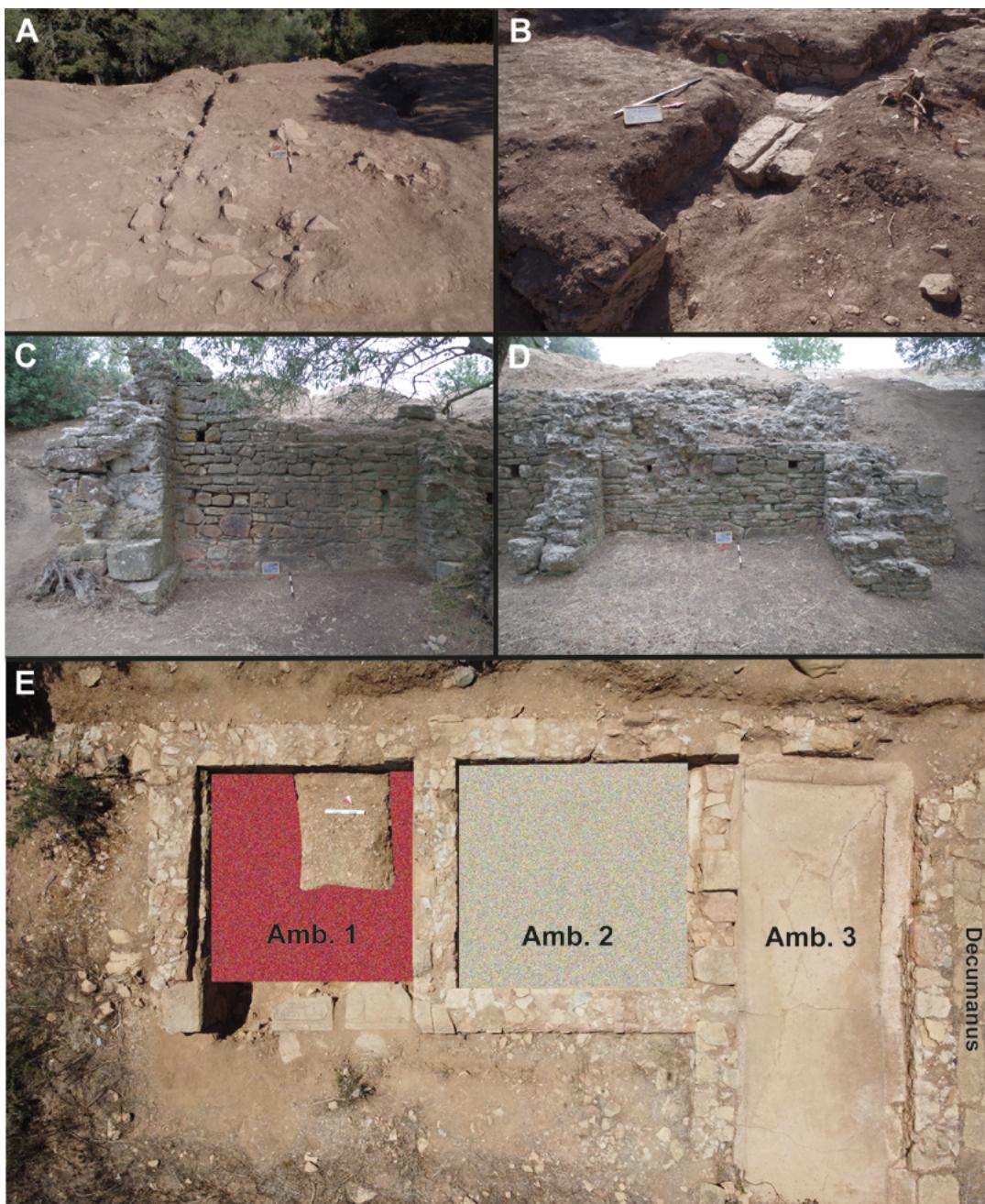


Figura 4. Projecto *TabMir*. Situação do *macellum* de Mirobriga, em 2017, com as marcas das sondagens das campanhas de Fernando de Almeida, nos anos 1960. **A** – Vista desde a fachada para o tardoz; **B** – Vista da entrada do ambiente 1; **C** – Vista externa do tardoz (canto sudoeste); **D** – Vista externa do tardoz (canto sudeste); **E** – Foto área da área escavada, com reconstituição do pavimento em *opus signatum* (ambiente 1) e do pavimento em lajeado (ambiente 2).

TabMir, entre 2017 e 2024, que incidiram muito parcialmente no ambiente 4 (a escavação deste ambiente foi interrompida em pouco tempo, pois verificou-se que o seu avanço poderia provocar o colapso do muro que separa este ambiente do ambiente 1), nos ambientes 1 e 2 (escavados na íntegra) e em parte do ambiente 3.

O *macellum* é assim constituído por:

- um pátio central (*area*), que parece ter colapsado total ou parcialmente;
- uma fiada de três *tabernae* orientais, por escavar;
- uma fiada de três *tabernae* ocidentais (ambientes 1, 2 e 4);
- uma área vestibular de entrada (ambiente 3, parcialmente escavado);
- uma galeria junto ao tardozi.

Metricamente, apresenta-se como um edifício sub-quadrangular de 17 por 12 metros de lado, constituído por um corpo principal de 14,5 por 12 metros de lado e uma área vestibular (ambiente 3) de 3 por 12 metros de lado.

Encaixado numa forte pendente que desce desde o *forum* até aos *balnea*, apresenta um desnível altimétrico de cerca de 5,5 metros, entre a cota de circulação interna e a base do tardozi. Tal significa que pode ter incluído dois níveis de cave, inferiores ao espaço comercial. Para consolidar o edifício em face das enormes forças da pendente topográfica em que encaixa, a *civitas* desenhou um tardozi de elevada potência, com espessura entre 1,4 e 1,5 metros, construído em *opus incertum*, como todo o edifício. Os seus contrafortes, com almofadados na face, são ainda mais potentes do que aqueles observados na *basílica* forense ou nos *balnea*, mas colocam este edifício comercial num aparente programa construtivo similar para diversos espaços públicos do século I d.C..

O investimento financeiro da *civitas* aplicado no tardozi do *macellum* não foi, contudo, possível de ser continuado no restante edifício, onde a alvenaria apresenta espessuras bastantes mais reduzidas e um *opus incertum* de argamassas mais ténues. Assim, a espessura dos muros do corpo

principal é de 0,5 metros, enquanto nos muros da área vestibular (ambiente 3) é de 0,4 metros.

A área interna do ambiente 1 é de 3,35 por 2 metros = 6,7 m².

A área interna do ambiente 2 é de 2,9 por 2 metros = 5,8 m².

Tal aponta para *tabernae* em torno a 6 m², medida bastante inferior à das *tabernae* 1 e 2 do edifício N, com 33,2 m² internos cada uma.

O ambiente 2 possui piso de lajeado em pedra sedimentar, muito ligeiramente conservado nas franjas do compartimento. Os ambientes 1 e 3 possuíam piso em *opus signinum*, mal conservado no primeiro caso e muito bem conservado no segundo.

A escavação, parcial, do *macellum*, permitiu-nos elaborar uma primeira proposta de reconstituição arquitectónica e evolução faseada do edifício (Figura 6).

O *macellum* é construído, no seu piso térreo, à cota de entrada do mesmo para a via VI, adjacente ao *forum*, possuindo uma *area* central (9), aparentemente não porticada, ladeada por seis *tabernae* simétricas (1, 2, 4, 5, 6 e 7). Uma galeria (8) confere simetria ao edifício, por contração à área vestibular (3) adossada à fachada do corpo principal. Na planta de Fernando de Almeida (Almeida, 1964, fig. 6; ver figura 3 e figura 6, assinalado com ?), tal como actualmente de forma muito parcial, é possível observar a existência de um muro adossado a Oriente do *macellum*, na continuidade à linha de fachada e nas costas da *taberna* 5. Trata-se de uma possível *taberna* ou armazém externo ao *macellum*, do qual não sabemos a sua configuração aproximada, nem qual a relação cronológica com as fases do edifício.

Sem suporte estratigráfico para a datação das três fases de evolução do *macellum*, propomos, no entanto, o seguinte:

- Fase 1, com corpo principal constituído por seis *tabernae* e *area* central; a *taberna* 1 possui entrada para a *area*, com soleira a toda a largura; a *taberna* 2 possui entrada para o comparti-

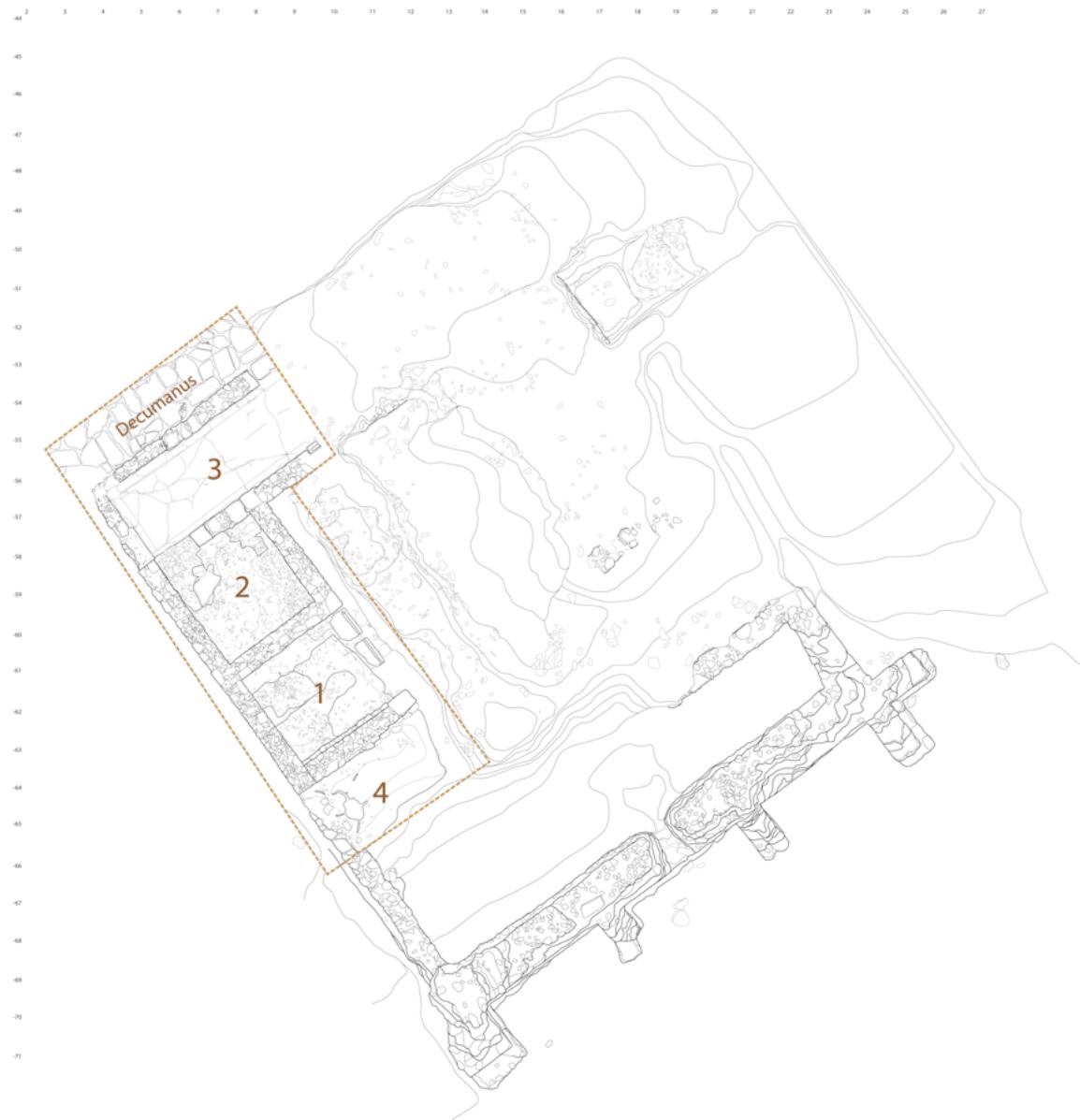


Figura 5. Planta da área escavada do *macellum* de Mirobriga (sondagem 2 do projecto *TabMir*. Escala métrica N-S/E-W).

Legenda: tracejado = área escavada.

mento vestibular, com soleira a toda a largura; o compartimento vestibular tem passagem para a *area central* através de uma soleira, parcialmente escavada; propomos que o compartimento vestibular seja, nesta fase, um *porticus*, para o qual não temos evidência estratigráfica, mas tão-só paralelos no mundo imperial, que explanaremos *infra*.

- Fase 2, com entaipamento parcial da entrada da *taberna 2* para o compartimento vestibular (ambiente 3), que deixa de ser um *porticus*, para ser um *chalcidicum*, com pavimento forrado a *opus signinum* de boa qualidade e meia-cana

circundante; mantém-se as soleiras de passagem deste compartimento vestibular para a rua e para a *area central* (ambiente 9).

- Fase 3, com entaipamento total da passagem da *taberna 2* para o compartimento vestibular (ambiente 3), não sendo perceptível o ponto de entrada da *taberna 2* nesta fase.

A cronologia do *macellum* de Mirobriga levanta ainda sérias dúvidas devido à não detecção, até ao momento, de valas de fundação que datem os seus momentos iniciais. Acresce ainda a inexistência, nos ambientes 1, 2 e 3, de níveis de circulação conserva-

dos (apesar dos pisos de circulação referidos, para os ambientes 1, 2 e 3), e a inexistência de níveis de abandono claramente classificáveis como tal. Toda a área parece sofrer fortes acções de espoliação tardo-antiga que tornam difícil o estabelecimento de cronologias de uso. Contudo, do ponto de vista urbanístico e arquitectónico, o *macellum* parece inserir-se no vasto programa de urbanização tardo-júlio-cláudia e flávia de *Mirobriga*, podendo quiçá ter sido construído em época flávia, como o foram as *tabernae* 1 e 2 do edifício N – nestes dois casos, com suporte estratigráfico (Quaresma *et Al.*, 2020; Quaresma, 2022).

A cronologia de abandono que propomos neste artigo baseia-se numa elencagem das cerâmicas

e vidros datantes mais tardios que cada ambiente apresenta. Neste sentido, parece haver um corte crono-tipológico muito claro em torno do século III, embora com possível extensão ao século IV d.C., pelo menos nos seus momentos iniciais.

O ambiente 1 possui como material fino mais tardio o tipo Hayes 16 de *terra sigillata* africana A e o tipo Hayes 50A/B de *terra sigillata* africana C, pelo que não parece ultrapassar o século III d.C. (Bonifay, 2004).

O ambiente 2 possui um conjunto de exemplares de Hayes 14A, 14B, 16 e 27 de *terra sigillata* africana A, Hayes 50A de *terra sigillata* africana C e vários indivíduos de possíveis AR 98, em vidro

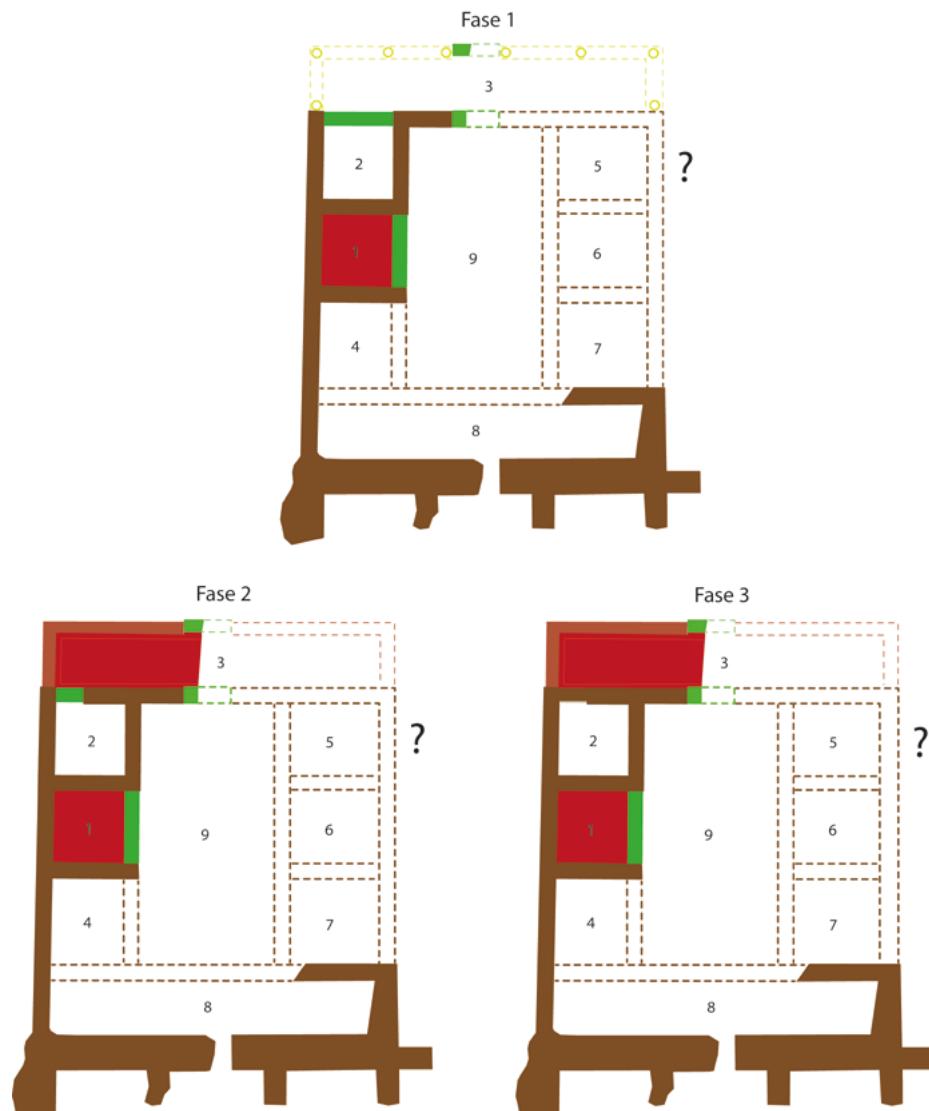


Figura 6. Proposta de faseamento arquitectónico do *macellum* de *Mirobriga* (projeto *TabMir*). Legenda: vermelho (*opus signatum*); verde (soleira); ? (localização de compartimento externo, identificado por Fernando de Almeida - ver figura 3).

incolor (Rütti, 1991). Esta forma tem cronologia centrada no século III d.C., mas pode alcançar o século IV d.C., quando surge em várias estratigrafias do vale do Ródano (Silvino *et Al.*, 2011).

O ambiente 3 possui o tipo mais tardio. Para além de exemplares de Hayes 14A, em *terra sigillata* africana A, apresenta um exemplar de Hayes 58A, em *terra sigillata* africana D1, o que poderá significar um abandono no século IV d.C. (Hayes, 1972).

A cronologia inicial que deduzimos urbanisticamente e a cronologia final que propomos ceramologicamente enquadram-se, porém, na baliza conhecida para os *macella* peninsulares e discutida por Ana Torrecilla Aznar (Torrecilla Aznar, 2007, figs. 430-431). Na *Hispania*, os casos cronológicos distribuem-se da seguinte maneira:

- Augusto (4);
- Século I d.C. (4);
- 60-100 d.C. (3);
- Flávios/Trajano e 100-150 d.C. (3);
- Final do século II d.C./ Severos (1).

A cronologia final possui uma larga maioria de casos em torno do século III d.C., existindo um único *macellum* de fundação e uso tardo-antigo, entre os séculos III e V d.C. – o de *Baelo Claudia*.

Podemos, contudo, aduzir a informação publicada, relativa aos possíveis *macella* de *Bracara Augusta* (Braga) e de *Seillium* (Tomar), cujos materiais mais tardios, na diacronia estratigráfica associada aos edifícios, pertencem ao século IV d.C. (Torrecilla Aznar, 2007, p. 416 e 68).

1.3. Tipologia, funcionalidades e modelos de inspiração

Podemos falar de três tipos de *macella* romanos, ao nível da sua planimetria, com base na posição das *tabernae*:

- tipo itálico – possui fachada definida (normalmente um *porticus*) e *tabernae* interiores e exteriores;

- tipo adaptado às cidades gregas – sem fachada definida; com *tabernae* apenas no interior;

- tipo africano – faz uma síntese dos modelos itálico e grego; possui fachada definida; possui *tabernae* apenas no interior (De Ruyt, 1983, p. 290).

O *macellum* de *Mirobriga* parece assim incluir-se no modelo africano, embora a possibilidade de o compartimento externo, adossado a Oriente (Figuras 3 e 6), ser uma *taberna* e não um armazém, possa introduzir uma influência cumulativa itálica, porém, de menor peso no conjunto arquitectónico. Aliás, a existência de *tabernae* externas não é um exclusivo itálico, podendo existir, embora raramente, a Oriente e em África (De Ruyt, 1983, p. 291).

Podemos falar de três tipos de *macella* romanos, ao nível da sua planimetria, com base na sua forma geral (Torrecilla Aznar, p. 618):

- *macella* de planta central quadrangular (ver, por exemplo, a figura 7A, B, F);
- *macella* de planta basilical ou de corredor central (ver, por exemplo, a figura 7B, D, E e a figura 8C);
- *macella* de planta central circular, hexagonal ou octogonal.

A *Hispania* é dominada pelos dois primeiros tipos, embora possam não ser exclusivos. Segundo J. Arce, o edifício octogonal da *villa* tardo-antiga de Valdetorres del Jarama, na região de Madrid, poderá ser um *macellum* rural de planta octogonal (*apud* Torrecilla Aznar, 2007, p. 606). No mesmo sentido, propomos que o edifício de planta octogonal, porém mais complexa, existente na *villa* tardo-antiga de Rabaçal, a poucas dezenas de quilómetros de *Conimbriga*, possa ter servido nessa função (Figura 9)⁶.

⁶ Juridicamente, a existência de *macella* rurais privados (e não de propriedade pública), são perfeitamente consentâneos com o *ius commercii* e o *ius nundinarum* que regia as estruturas comerciais, estando prevista, desde meados do século I d.C., a permissão a privados de celebração de *nundinae*, sob autorização do Imperador, sendo

O *macellum* de *Mirobriga* consiste numa planta central quadrangular, mas imperfeita, subquadrangular, com 17 por 12 m², produzindo uma área de 204 m² (valor ao qual pode vir a ser acrescentando um outro, muito diminuto, caso o compartimento externo, adossado ao muro oriental, venha a confirmar-se como compartimento externo do *macellum*).

Enquadra-se assim numa gama de pequenos *macella*, no quadro hispânico, onde dois *macella* possuem áreas de 1656 e 1250 m², um caso possui 702 m², estando a maioria dos casos numa baliza de cerca de 300–400 m² (este valor médio subindo para 578 m², se se calcular com os valores cumulativos dos armazéns externos), com exceção de *Valentia-Plaza l'Almoina* (289+68 m² = corpo+armazém), *Celsa* (252 m²) e *Complutum* (182 m²) (Torrecilla Aznar, 2007, fig. 425 e p. 712).

De igual modo, os tamanhos das duas *tabernae* já cartografadas no *macellum* de *Mirobriga* (6,7 e 5,8 m² internos) enquadraram-se num pata-mar baixo da baliza hispânica, cujas *tabernae* de *macella* variam entre valores de ≤10m² e ≤50m² (Torrecilla Aznar, 2007, fig. 429). É até bem inferior à área das *tabernae* 1 e 2 do edifício N de *Mirobriga*, com 33,2 m² cada uma (áreas internas).

Já o facto de o *macellum* mirobriguense possuir seis *tabernae* parece enquadrar-se perfeitamente no modelo normal dos *macella* quadrangulares.

res hispânicos, que possuem muitas vezes este número de lojas (Torrecilla Aznar, 2007, p. 714).

Os *macella* de planta quadrangular possuem recorrentemente uma área vestibular porticada, denominada de *porticus*, cuja função principal era a de abrigar a entrada e embelezar a fachada do *macellum* (De Ruyt, 1983, p. 290). Por norma, é uma peça acoplada ao corpo principal do edifício comercial. Tal é bastante claro em diversos *macella*, cujos *portici* possuem paredes mais estreitas, ou com desvios de orientação, por comparação com o corpo principal, e larguras maiores ou menores do que a da fachada do corpo principal (Figuras 7 e 8). Em *Bulla Regia*, *Baelo Claudia* e *Cuicul*, excedem (neste último caso, apenas suavemente); em *Thamugadi* e *Saepinum*, são ligeiramente menores; em *Gightis*, *Paestum* e *Philippi*, possuem a mesma largura. *Lepcis Magna* é um caso excêntrico, com *porticus* da mesma largura da fachada, mas largo e de planta trapezoidal. Os *portici* podem estar tripartidos, quando se produz um corredor de acesso directo da colonada do *porticus* à entrada da fachada – tal é caso de *Paestum* e *Lepcis Magna*.

Os *macella* podem possuir uma área vestibular interna ao corpo principal, que toma o nome de *chalcidicum* – espaço de trabalho onde podem, por exemplo, permanecer vendedores sem *taberna*, ou seja, ambulantes, como os *ambulatorii* e os *lixae* (Torrecilla Aznar, 2007, p. 722). Este compartimento pode ser monolítico ou estar tripartido, como em *Saepinum* e *Philippi*, que

igualmente competência dos *ordines decurionum* nas províncias (*apud* Torrecilla Aznar, 2007, p. 600 e 706). A capacidade de organização de mercados rurais é reconhecida na Antiguidade Tardia, no *Codex Iustinianus*. O *ius nundinarum* seria retirado ao proprietário rural, caso este não o exercesse durante uma década (*apud* Torrecilla Aznar, 2007, p. 604 e 693).

A existência de mosaicos como pavimento da estrutura da *villa* de Rabaçal não constitui, por outro lado, qualquer contradição com uma função comercial. As preocupações de higiene faziam com que os pavimentos fossem normalmente em lajes pétreas, ou em *opus signinum*, havendo casos mais escassos de pavimentos em mosaico, em *macella* de planta circular, hexagonal ou octogonal (Torrecilla Aznar, 2007, p. 617).

A gestão dos espaços comerciais públicos de carácter urbano era feita pela *civitas*, alugando os espaços por períodos máximos de um lustro (cinco anos). Nestes casos, uma *taberna* tomava o nome jurídico de *taberna meritoria*, havendo ainda lugar ao pagamento de um *vectigal* à *civitas* pelos comerciantes (Torrecilla Aznar, 2007, p. 693). O direito imperial proibia mesmo a venda dos espaços comerciais, permitindo apenas o seu aluguer, tal como define, nos inícios do século II d.C., o *Digestus de Ulpianus* (*Ulpianus*, *Digestus*, 18.1.32: *apud* Torrecilla Aznar, 2007, p. 693).

possuem *porticus* externo e *chalcidicum* interno (Figura 8). O *macellum* de *Gighthis* possui apenas *chalcidicum* externo (Figura 7).

Por este conjunto de paralelos, propomos que o ambiente 3 do *macellum* de *Mirobriga* (Figuras 5 e 6) tenha sido, na fase 1, um *porticus*, para o qual não temos qualquer evidência arquitectónica, para além de percebermos que é uma peça anexada à fachada do edifício, possuindo paredes mais estreitas do que este e não imbricadas a este. Na fase 2, este *porticus* seria transformado em *chalcidicum* (externo), o que representaria um avanço do edifício sobre a rua, já que, o ambiente 3, de área porticada aberta, passaria a fachada principal do *macellum*. Este *chalcidicum* do *macellum* de *Mirobriga* possuía um pavimento bem elaborado de *opus signinum*, com meia-cana alta (figura 4E), havendo duas razões possíveis para tal: grandes preocupações com a higiene, mas também uma possível preocupação com a protecção do edifício contra as águas pluviais que atingiam o *macellum*, vindas da pendente do *forum/decumanus*.

Tal como dito *supra*, para além do ambiente 3 (na fase 2 e 3, enquanto *chalcidicum*), também o ambiente 1 (*taberna* 1) possuía pavimento em *opus signinum*. No ambiente 2 (*taberna* 2) a espoliação do espaço retirou quase toda a informação sobre o piso de circulação, sendo ainda visível a existência de um pavimento em lajes sedimentares (Figura 4E).

Por fim, se é verdade que as *areae* (pátios centrais sem cobertura) eram muitas vezes porticadas, tal é ainda indeterminado no caso vertente. Não podemos também afirmar, para já, que todas as *tabernae* fossem *tabernae tabulatae*, ou seja, fechadas por portas de madeira, mas tal está diagnosticado na *taberna* 1, com soleira preservada e canelura de encaixe da porta. Na *taberna* 2, a soleira foi parcialmente entaipada na fase 2 e totalmente entaipada na fase 3, não sendo visível se tem marca de encaixe, sem recorrermos à desmontagem do muro. Nesta última fase, a entrada para esta *taberna* já não se faria pelo *chalcidicum* vestibular, mas talvez através da *area* ou

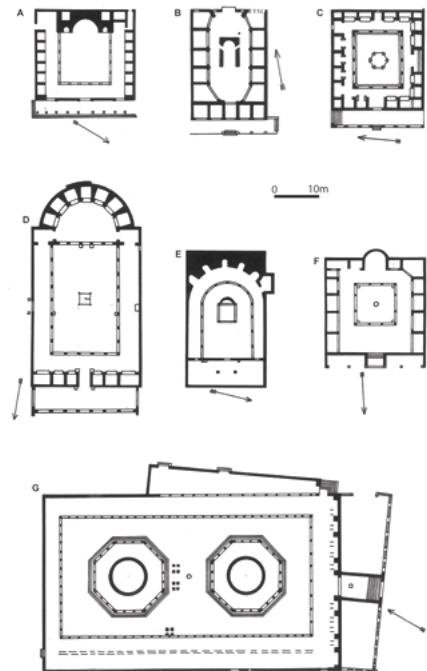


Figura 7. Principais paralelos arquitectónicos para a interpretação do *macellum* de *Mirobriga*: *macella* de planta central quadrangular ou basilical com *portici*. **A** – *Bulla Regia*; **B** – *Baelo Claudia*; **C** – *Cuicul*; **D** – *Thamugadi* 1; **E** – *Gighthis*; **F** – *Paestum*; **G** – *Lepcis Magna* (adaptado de De Ruyt, 1983).

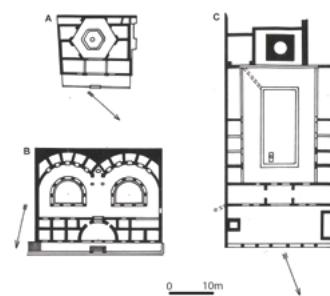


Figura 8. Principais paralelos arquitectónicos para a interpretação do *macellum* de *Mirobriga*: *macella* de planta central quadrangular ou basilical com *portici* e *chalcidica*. **A** – *Saepinum*; **B** – *Thamugadi* 2; **C** – *Philippi* (adaptado de De Ruyt, 1983).

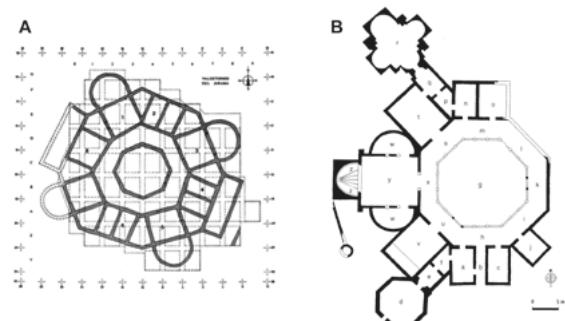


Figura 9. Possíveis *macella* de planta octogonal de *villae* peninsulares. **A** – *Villa* de Valdetorres del Jarama (segundo J. Arce – *apud* Torrecilla Aznar, 2007); **B** – *Villa* de Rabaçal (proposta dos signatários a partir de planta em Pessoa; Rodrigo, 2004).

da *taberna* 1, porém, a uma cota superior não preservada no alçado dos muros, onde não existe qualquer soleira preservada.

Notas finais

Com uma cronologia inicial possivelmente flávia e um *terminus* em torno ao século III d.C., ou, no máximo, pelos inícios do século IV d.C., o *macellum* de *Mirobriga* enquadrava-se temporalmente no fenómeno hispânico de uso deste tipo de edifícios para a estruturação das actividades comerciais urbanas. De planta central quadrangular, a sua planta ajusta-se às morfologias conhecidas sobretudo no espaço norte-africano, com possível influência cumulativa itálica: *tabernae* internas, com possível *taberna* ou armazém externo.

A sua escavação implica ainda um elevado número de campanhas e seguramente a necessidade de apoios financeiros de elevada dimensão, dada a complexidade do edifício, a sua fragilidade constructiva e os problemas de sustentação colocados pela pendente muito inclinada do terreno em que se insere. Esperamos, assim, nos próximos anos, obter uma planta integral do *chalcidicum* e das *tabernae* 5, 6 e 7; porém, a escavação da *area* e da galeria, que permitiria cumulativamente a correcta percepção do alçado do edifício, depende da capacidade de empenho de várias entidades na valorização do sítio.

A identificação do *macellum* permite igualmente propormos com alguma segurança a identificação das vias IV e VI como *cardo* e *decumanus*, respetivamente, situando o edifício na confluência dos dois eixos fundamentais da planimetria da cidade. Um dos próximos objectivos das campanhas do *TabMir* será igualmente o da obtenção da cronologia estratigráfica da fundação do edifício. Para tal, tendo em vista o profundo palimpsesto que os níveis de uso do *macellum* apresentam, tencionamos vir a abrir sondagens de diagnóstico exte-

riores, nomeadamente ao longo do seu tardoz. Do outro lado da questão, o conhecimento mais crítico da cronologia de abandono e a detecção de possíveis fases de ocupação visigóticas, à semelhança das que já detectámos para as *tabernae* 1 e 2 do edifício N, em torno a 500-550 d.C. (Quaresma *et Al.*, 2020; Quaresma, 2022), requerem igualmente um estudo aturado das cerâmicas comuns locais/regionais e seus comportamentos tecnológicos, por ordem a determinar *facies* crono-arqueométricos.

Bibliografia

- ALARCÃO, J. 2017. *A Lusitânia e a Galécia: do séc. II a.C. ao séc. VI d.C.*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- ALMEIDA, F. 1964. *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal.
- BARATA, M. F. 1997. *Miróbriga. Urbanismo e arquitectura*. Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1997.
- BONIFAY, M. 2004. *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford (BAR International Series, 1301).
- DE RUYT, C. 1983. *Macellum. Marché alimentaire des Romains*. Louvain-La-Neuve, Institut Supérieur d'Archéologie et d'Histoire de l'Art.
- ENCARNAÇÃO, J. d' 1984. *Inscrições romanas do conventus pacensis*. Coimbra, Faculdade de Letras de Coimbra/Instituto de Arqueologia.
- HAYES, J. 1972. *Late Roman Pottery*. The British School at Rome.
- PESSOA, M., RODRIGO, L. 2004. *Catálogo, espaço-museu: villa romana do Rabaçal*. Penela, Câmara Municipal de Penela.
- QUARESMA, J. C. 2022. "Taberna 2 de Mirobriga: adaptações artesanais e domésticas e evolução ceramológica, nos séculos V e VI d.C.". *AespA*, 95, e16, 30pp.
- QUARESMA, J. C., Silva, R. B., Guimarães, R., Sousa, F., Felício, C. 2020. "Taberna 1 from Mirobriga (Santiago do Cacém, Portugal): ceramic evolution of the Late Antique levels". *RCRF*, 46 (31st Congress of the Rei Cretariae Romanae Fautores Marketing Roman pottery: economic relationships between local and imported product. Cluj-Napoca, Romania, 23rd-30th September 2018), pp. 97-103.
- RÜTTI, B. 1991. *Die römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst*. Augst: Römermuseum Augst (Forschungen in Augst, Band 13).
- SILVINO, T., BONNET, CH., CÉCILLON, CH., CARRARA, S., ROBIN, L. 2011. « Les mobiliers des campagnes lyonnaises durant l'antiquité tardive : premier bilan ». In *L'Antiquité tardive dans l'Est de la Gaule, I*, (RAE, 30e suppl.), pp. 109-172.
- TEICHNER, F. 2006. Romanisierung und keltische Resistenz? Die "kleinen" Städte im Nordwesten Hispaniens". In Walde, E., Kainrath, B. (eds.), *Die selbstdarstellung der römischen Gesellschaft in den Provinzen im Spiegel der Steindenkmäler. Akten des IX. Internationalen Kolloquiums über Probleme des Provinzialrömischen Käntschaaffens*. Innsbruck. 2005. Innsbruck University Press (IKARUS, 2), pp. 335-348.
- TEICHNER, F., ed. 2018. *Mirobriga. Eine Stadt im fernen Westen des Imperium Romanum*. Marburg: Universität Marburg (Kleine Schriften aus dem Vorgeschichtlichen Seminar Marburg, 62).
- TORRECILLA AZNAR, A. 2007. *Los macella en la Hispania romana. estudio arquitectónico, funcional y simbólico*. Tesis doctoral. Madrid, Universidad Autonoma de Madrid.